

Menos de um ano para as eleições: o que vem em 2026?

Humberto Dantas¹

Daqui um ano, em condições normais de democracia, conheceremos os políticos eleitos em 2026. Tratam-se dos executivos estaduais e federal, da Câmara dos Deputados, de dois terços do Senado e das Assembleias Legislativas, incluindo o parlamento do DF. Um levantamento feito na primeira semana de novembro por estudantes da pós-graduação em Ciência Política da FESP-SP, como atividade da disciplina de Análise Política, mostra que temos pesquisas de intenção de voto em todos os estados, concluídas entre setembro e novembro de 2025. São dados relativamente novos, gerados principalmente por Real Time e Paraná Pesquisas que assinam 24 dos 27 estudos mais recentes localizados.

Ao todo, 16 governadores não podem ser reeleitos, e dos onze que podem, seis lideram o principal cenário. Roraima e Tocantins têm governadores enfrentando problemas na justiça. O primeiro não pode se reeleger e se mostra instável no cargo e o segundo foi afastado temporariamente para se defender de acusações, com o vice em seu lugar.

A oposição lidera 12 estados, e candidaturas apoiadas pelos atuais governadores estão na ponta em outros três. Somados os 12 opositoristas, os seis governadores que lideram e os três ponteiros apoiados por governadores, temos 20 estados. Nas demais unidades, as figuras que lideram parecem fazer oposição, mas também disputam o apoio do governador ou de parte de seu grupo governista, sendo possível falar em incertezas.

Partidariamente, o PSDB perdeu os três governadores eleitos em 2022, que mudaram para o PSD (2) e para o PP. Atualmente, o PSD é a legenda que mais governa estados: são cinco, com PT e União Brasil no comando de quatro unidades cada. O PL tem dois governadores.

Ideologicamente, seguindo classificação da Ciência Política, a direita governa 17 estados, principalmente com PSD, PL, PP e Republicanos; a esquerda tem sete, com PT e PSB; e o centro três, todos com o MDB. A tendência se repete nas pesquisas: a direita lidera a maioria dos estados.

Apenas quatro líderes, faltando um ano para a eleição, têm 50% ou mais das intenções de voto, com destaque aqui para Amapá, Piauí, Pernambuco e Rio de Janeiro. Nominalmente, exceção feita ao Amazonas, todos os líderes e vice-líderes nas pesquisas são políticos com ou sem mandatos, ou seja, a onda de novidades de fora do sistema não parece ter força nesse instante. No Maranhão, um secretário, familiar do governador, aparece como competitivo.

Regionalmente, a direita lidera o Sul, com o PL em dois estados (SC/RS) e o União Brasil no Paraná. No Sudeste, o Republicanos aparece na ponta em SP, MG e ES, com o Rio de Janeiro nas mãos do PSD e a direita absoluta. No Centro-Oeste, a direita lidera três estados, e em Goiás o MDB, de centro, é que ponteia. No Norte, a direita também predomina, e o MDB lidera no Amapá e em Roraima. Por fim, no Nordeste, aparece líderes à esquerda em três estados (CE, PI e PE).

Dois vice-governadores lideram cenários pesquisados, em Goiás e no Distrito Federal – este segundo com uma mulher. No quesito gênero, apenas em Roraima, Tocantins e, como dito, no Distrito Federal, a liderança é de uma mulher. Salienta-se aqui que em outro trio de estados, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Sul, mulheres estão em segundo lugar.

Dos 27 estados brasileiros, em apenas 17 deles o terceiro colocado tem 10 ou mais pontos percentuais nas intenções de voto. Diante de tais aspectos, faltando menos de um ano para as eleições, as tendências verificadas em 2022 seguem fortes: polarização entre dois grupos, direita no poder subnacional, baixa representatividade feminina e alinhamentos entre partidos que não necessariamente respeitam questões de ordem nacional.

¹ Cientista político, doutor pela USP e parceiro da KAS.

BRASIL **EM** FOCO

